



OS PRIMEIROS ASTRONAUTAS

Albano Marques

OS PRIMEIROS ASTRONAUTAS

de Albano Marques

Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos?
Perguntas que nunca se calaram até o presente momento.

Realismo Fantástico

1ª Edição – Brasil / 2019.

Copyright © by Albano Marques

Diagramação	Albano Marques
Capa	Albano Marques
Revisão	Ivis Marques; Ian Kovalski; Joice Guimarães Oliveira.

M357o	Albano Marques Os Primeiros Astronautas / Albano Marques. 1. ed. — São Paulo, Br; Portugal, Pt.; Estados Unidos da América, EUA. Esta obra é uma produção independente. Copyright [2019] by Albano Marques Todos os direitos desta edição reservados ao autor da obra 1.Realismo Fantástico/Ufologia. 2.Metafísica. 3.Literatura brasileira
-------	---

Índice para catálogo sistemático:

- 1.Metafísica CDD 110
- 2.Metafísica CDU 11
- 3.Literatura brasileira CDD B869

Esta obra nasceu inspirada em diversos acontecimentos e pessoas reais, possuindo inúmeros pontos fictícios que serviram como amarração entre as ocorrências. É também uma singela tentativa de homenagear estas pessoas, que em dado momento ou pela vida toda foram tão próximas e especiais em minha busca pessoal.

Mara e Joe, eterna gratidão!

SUMÁRIO

1	Prólogo	9
2	Notas do autor	12
3	Importante	20
4	Introdução	21
5	Nascia assim o grupo Quasar	26
6	Nos chegam notícias	28
7	Em busca da toca	36
8	Novamente os seres?	44
9	A Torre de Pedra	50
10	A busca	64
11	O acaso conspira e tudo se encaixa	68
12	Surpreendidos por Fátima	73
13	Os Primeiros Astronautas	93
14	A escolha	116
15	Rumo ao acampamento Lual	126
16	No acampamento	137
17	Curiosamente estranho	141
18	Treinamento e arrebatamento	155
19	As ondas dimensionais	163
20	Stargates ou portas de passagem	168
21	As identidades enquanto humanos	180
22	A última viagem	185
23	Porta para o passado	197
24	Despedida antecipada	210
25	Os grupos voltam para casa	221
26	Documentos e Imagens	226
27	Referências	232

Para minha linda esposa Vi, que muito me apoiou em toda a nossa jornada de vida, a meus queridos filhos Ian Kovalski, Yuri Kirk e Iolaus Kal-El que tornaram-se os únicos motivos para essa jornada continuar. A todos os nossos familiares e amigos, tanto aos que acreditaram, como também aos que nunca acreditaram, sem distinção, mas, especialmente aos companheiros de pesquisa, e de grupo, sem os quais eu não teria vivido tão maravilhoso período em minha vida. À Energia Criadora Universal, meu muito obrigado!

Albano Marques

Era uma linda noite de inverno. Fazia tanto frio, e como que para compensar tal martírio, acima de minha cabeça firmava-se um céu nitidamente estrelado. Aquilo me envolvia de maneira tal, que tudo o quanto havia ficado para trás perdera sentido. Carros, pessoas se esbarrando em calçadas estreitas, todos os afazeres do dia a dia, nada tinha importância.

Tornara-se difícil acreditar que me encontrava a poucos quilômetros disso tudo.

Talvez, o fato de que até onde a vista conseguisse alcançar com a ajuda do luar, eu só pudesse ver campos, rochas e pastagens que distribuídos em declives e elevações, servisse ainda mais para alimentar minha fértil imaginação. Mas assim como tudo têm suas polaridades, o positivo e o negativo, ao mesmo tempo a tensão me possuía, com a escuridão vinha a solidão. Sentia medo, o medo do desconhecido. Tentava fazer-me crer que seria inconcebível toda aquela história sobre alienígenas com base em “Torre de Pedra” ...

PRÓLOGO

– Eu também sou dessas pessoas que produzem muito mais à noite. – disse meu velho amigo Francis, em relação ao fato de eu ter comentado que sou totalmente notívago – Tenho observado inclusive, – continuou ele – nessas minhas andanças pelos matos afora, que durante a noite a própria natureza relaxa, respirando aliviada. É incrível como as árvores, as plantas em geral, cessam por completo suas atividades, talvez seja pelo fato de que com a luz do dia elas tenham que processar muito mais informação, até mesmo processar essa própria luz e isso agita todo o organismo, assim como acontece conosco, mesmo vivendo aqui na cidade.

— Você sabe, Francis, andei lendo em algum lugar, o qual não lembro no momento, que a Coruja é o símbolo da sabedoria exatamente pelo fato de que ao observarem os hábitos de grandes pensadores, intelectuais e artistas, notaram que estes produziam bem mais à noite – completou minha esposa.

Naquele dia, estávamos visitando nosso grande amigo, pois ele andava um tanto abatido. Descobrira que seu tumor no pâncreas havia voltado e com isso ele se viu perdido, apesar das possibilidades de recuperação, que eram poucas, mas até onde tínhamos informação naquele dado momento, existiam. Via pouco a pouco todos os seus projetos e sonhos escorrendo por entre os dedos. O “carro cem por cento movido a água”, alimentado cem por cento a hidrogênio obtido não pela eletrólise como muitos vinham praticando, mas sim, com a quebra de moléculas através de ondas de frequência obtidas com

pequenas bobinas magnéticas; a “Neuroquântica”, que apenas atualmente surge da forma que ele havia vislumbrado remotamente; as “experimentações de dupla realidade” e a “manipulação de tempo e espaço”, poderiam nem sequer entrar em gestação. Todo seu conhecimento sobre Física Quântica, Processos informatizados, Geologia, Arqueologia, Astronomia e outras inúmeras áreas do conhecimento humano, junto a todas as publicações que já leu e toda informação que arrecadou, não lhe serviam de nada naquele exato momento onde só podia contar com a fé em forças divinais e o auxílio de sua amada família.

Mesmo sendo eu um mero expectador disso tudo, todas essas coisas simultaneamente estavam me pondo a pensar mais e mais na existência, de todos e na minha própria. Então eu, pego em meio a esse turbilhão de pensamentos, havia decidido concluir este meu livro que eu havia iniciado em meados da década de noventa e que apesar de anos depois ter sido sondado por grandes editoras, eu jamais o havia concluído. Este livro sim, seria a exata homenagem aos momentos e pessoas incríveis, com pensamentos libertadores e atemporais, cujos universos ligaram-se ao meu em dado momento de minha jornada.

Mas, infelizmente, como nesse nosso mundo temos que conviver com a finitude de tudo o que nele existe, pouco tempo após esse encontro, nosso querido amigo nos deixou, foi alçar outros voos. Perdemos alguém que nos era pessoalmente importante e a humanidade, sem sombra de dúvidas, perdera um grande gênio, o qual mal conhecera. Portanto, desde o primeiro instante, e ainda mais agora, tornara-se uma questão

prioritária e ao mesmo tempo de honra poder homenagear antigos amigos, escrevendo algumas das minhas mais intrigantes memórias. É o que me vejo fazendo nesse momento, sentado frente a tela de meu computador, quando me vem à mente uma das citações que mais gosto, uma tentativa de concluir algumas passagens do grande poeta, filósofo, compositor e crítico alemão Friedrich Nietzsche, que apesar de muito utilizada até mesmo em redes sociais, cada vez que a vejo me traspassam pensamentos inquietantes.

“E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música.”¹

¹ NIETZSCHE, em “Assim falou Zaratustra”; 1883.

NOTAS DO AUTOR

Quero avisar ao caro amigo leitor que, a história que está começando a ler contém ainda muitos pontos indefinidos e no final não será arrematada de forma genial, merecedora de aplausos e elogios dos críticos e leitores, pois o destino assim o quis. Assim como quis que eu estivesse no centro de tais acontecimentos sem nada poder fazer a não ser simplesmente observar. Testemunha viva de atos divinos feitos por “homens” que realmente acreditavam no que faziam e sabiam o porquê de fazê-lo, ainda que o mundo todo viesse a duvidar.

Acredito que a introdução que se segue é extremamente necessária para a ambientação e o entendimento sobre os fatos, que procurarei contar na sequência em que os mesmos ocorreram.

Porém, não peço de forma alguma que acredite de imediato em tudo o que aqui relato. Peço apenas que pondere e que, ao ponderar, saboreie cada sentença dessas incríveis lembranças que carrego comigo e aqui compartilho.

Se eu for abordar esta complexa questão do acreditar ou não, devo ser cauteloso pois, se crer pelo simples fato de que alguém lhe disse, ou crer porque já é uma tradição e, até mesmo, crer sabendo haver no mínimo uma fagulha de verdade, de possibilidade, porque pesquisou, analisou e vislumbrou todas as variantes possíveis, devemos admitir que entre si, essas são situações bastante diferentes, apesar de que numa rápida passada de olhos poderão nos parecer tão próximas.

Infelizmente, no decorrer de toda a história da humanidade e até mesmo atualmente, pudemos nos deparar com inúmeros argumentos que perduram como verdade mesmo não o sendo e a grande maioria das pessoas não os questiona. Em contrapartida, há grandes verdades que foram completamente esquecidas, totalmente ignoradas e que poderiam de repente até mesmo, quem sabe, nos conduzir à cura para todos os nossos males.

Para nossa sorte, de tempos em tempos, surgem algumas mentes visionárias que apesar de constantemente serem tachadas de loucas em seu ambiente de convívio, defendem seus pontos de vista insistentemente. Fazem isso na mesma intensidade de vontade com que aqueles que ficaram cegos pelo sistema insistem em tentar desmotivá-los. Ainda bem que não param por aí pois, além de defenderem as suas visões, mantêm-se firmes nelas por tempo suficiente para que o próprio tempo venha a nos fazer ver tais visões triunfarem sobre a ignorância de muitos. Provando então, dessa forma, que muito daquilo que julgamos fantasias ou delírios, possuem em algum fragmento, fundamentos reais. Independente do percentual de realidade de que venha imbuído, mostra-se o suficiente para colocar em xeque coisas que tínhamos por reais e não passavam de pura fantasia. Coisas essas que eram verdades apenas no inconsciente coletivo. Um tanto antagônico, sei! Mas assim o é, e assim tem sido experimentado durante toda a história humana, revolucionando-a. Ainda bem que em

todas as eras e áreas brotam “os Teslas, os Einsteins, os Sagens, os Krishnamurtis”²...

Tais situações, onde se mascaram ou criam verdades ocorreram em todas as épocas tanto quanto hoje, em nosso agora momentâneo e, sem sombra de dúvida, ocorrerão no futuro.

Atualmente, em pleno século vinte e um, ainda existem pessoas que não creem que seja possível ao homem ter posto os pés na Lua. Antigamente era porque alguns não dispunham de informações necessárias em suas mentes para poder conceber a ideia da possibilidade, hoje, porque há excessos de possibilidades. Sei, no que tange o primeiro pouso, existem realmente muitos argumentos povoando as mentes e a internet e tais argumentações parecem até bastante plausíveis, contrárias ao grande feito. Confesso que eu mesmo, por um lado, já me peguei contrapondo diversas dessas realizações humanas. Não por ignorância ou comodismo em minha mente, mas sim como um simples exercício lógico para testar meu entendimento sobre os detalhes daquilo que nos cerca. No entanto, digamos que, para contentar os defensores de tal teoria conspiratória eu deixasse de lado a primeira missão e concordasse com esse pensamento, como ficariam as outras missões? Sim, oficialmente há registros e nos relatam que ao contrário do que muitos populares pensam, o homem já retornou ao nosso satélite natural inúmeras vezes e por lá deixou objetos que comprovam sua passagem pelo local como, por exemplo, três refletores laser chamados de “Laser Ranging Retro-reflector” que os cientistas utilizam para

2 Menção a Nikola Tesla, Albert Einstein, Carl Sagan e Jiddu Krishnamurti, como exemplos de mentes visionárias.

medir a distância entre a Lua e a Terra. Inclusive, afirmam ser graças a esses equipamentos que se descobriu que a Lua está se afastando da Terra cerca de 3,8 centímetros por ano. Cabe lembrar a citação de Neil Armstrong³ em sua biografia escrita por James Hansen: *“Para as poucas almas perdidas que ainda se agarram à crença que os pousos lunares nunca aconteceram, o exame dos resultados de quatro décadas de experimentos LRRR devem evidenciar quão alucinada é sua rejeição dos pousos na Lua”*.

Olha só que situação incrível: temos de um lado uma teoria dita conspiratória utilizando cálculos e argumentos de física para criar fortes evidências de que o homem nunca pisou em nosso satélite natural, afirmando inclusive que um laser apontado para a Lua pode ser refletido independente de tais equipamentos, aliás, afirmando que é bem mais difícil mirar tais pequenos refletores do que fazer com que a própria lua venha a refletir, porém, uma teoria sem qualquer comprovação oficial e, de outro lado, a própria situação posta por tais pesquisadores como fictícia, produzindo resultados oficiais e cientificamente conclusivos.

Traduzindo em miúdos o que eu quis dizer até este momento é que para chegarmos a um veredito final temos que ouvir todos os lados e suas alegações. Celso Antônio, um grande amigo professor de História, vivia aconselhando sobre os livros que deveríamos ler:

“Não leia apenas sobre assuntos dos quais você gosta, ou assuntos que te despertam interesse, que te trazem satisfação. Leia também aquilo que vai contra o

3 Engenheiro aeroespacial e astronauta norte-americano. Entrou para a história como o primeiro homem a pisar na Lua, em 1969.

que você acredita, aquilo que te incomoda e traz insatisfação. Somente assim terá a certeza de que aquilo que gosta ou acredita merece crédito” – dizia ele.

Portanto, eis a minha conclusão (visto que cada um pode ter a sua) sobre toda essa conversa, em qualquer dos lados, em todas as teorias, em todas as situações devemos tentar ser visionários, dar-nos o direito ao vislumbre, sair da caixa. Os que acreditaram ser possível ao homem ter ido ao espaço, mesmo se fossem inicialmente movidos pela ficção, provavelmente são os que nos trazem várias das realizações tecnológicas de hoje – vide inovações trazidas por Star Trek ⁴- e os que duvidaram e duvidam mas, não de forma cômoda e sim na busca do esclarecimento são os que fazem os tempos e os ambientes se tornarem propícios para os acontecimentos vislumbrados virem a ser tangíveis. Imagine se ficássemos parados num infinito lapso. Devemos encontrar um ponto de perfeita harmonia onde se possa duvidar dos acontecimentos que nos fogem à razão, buscando elucidar, sem, no entanto, perder o vislumbre da possibilidade, do sonhar, da poesia, que é

⁴ Série criada por Gene Roddenberry em 1966 para a tv norte-americana, onde os personagens, tripulantes de uma nave interplanetária, eram compostos por pessoas das mais variadas etnias incluindo um extraterrestre, o sr. Spock. A intenção era mostrar que todos os povos poderiam conviver em paz. Atribui-se à série a inspiração e responsabilidade por inúmeras revoluções tecnológicas e morais. Nela, apareceu o primeiro beijo inter-racial das telas, haviam mulheres em postos de comando e uma delas era negra, coisas que para a época pareciam impensáveis. A série inspirou a criação da tomografia e a ressonância, o celular, o computador pessoal, gps, telas planas gigantes, tablets, teletransporte e muitos outros avanços da ciência.

um dos fatores primordiais que nos move e que age como um *start*, nos alimenta e gera grandes oportunidades de nos levar a um próximo nível na solução desse mesmo problema.

Para aproximar ainda mais o assunto aqui debatido ao tema deste livro, digo que também é incrível que na nossa atual sociedade, essa mesma que saiu da dura realidade das cavernas e chegou à realidade virtual, uma imensa maioria não creia ou nem sequer vislumbre uma pequena possibilidade que seja da existência de “vida” em outros planetas ou em algum canto deste vasto universo, sendo que já foram e continuam sendo encontrados vestígios da mesma, através de microrganismos (fósseis de bactérias), em meteoritos vindos do espaço assim como através do envio de sondas a outros corpos celestes, o que não deixa de ser uma forma de vida. É certo que não é uma forma de vida “inteligente”, como é comum de se esperar, mas consequentemente, traz em si vida. Por que não crer em forma inteligente uma vez que, existem no espaço sideral, planetas com as mesmas flutuações climáticas da Terra, proporcionando as mesmas condições para que a vida ali se desenvolva? Aliás, inúmeros estudos recentes reforçam essa ideia. Isso, se formos pensar em nossa constituição biológica. E se nos desprendêssemos também desse conceito? As possibilidades, com toda certeza, se ampliariam drasticamente.

Lembra-se de quando apenas levantávamos hipóteses de que haveria água em Marte? Talvez você tenha visto, já que foi amplamente divulgado pela mídia, que essa suspeita já foi comprovada. Assim como também tivemos a descoberta de céu azul e água

congelada exposta em Plutão, mas há outra notícia ainda mais surpreendente, pelo próprio fato de que não alardeávamos essa expectativa, que foi a descoberta de água em nosso satélite natural do qual falávamos a pouco; a Lua.

Inclusive, diante dessas descobertas, num momento de pausa para reflexão, podemos ser levados à percepção de que o ser humano seja um suicida em potencial pois, se a maioria da população não se interessa em saber se existem outros locais possíveis de abrigar nossa espécie e destrói totalmente o único local que lhe confere a existência, cria-se uma atitude perigosamente incoerente.

Não pretendo de forma alguma aprofundar-me em retóricas ou dogmatismos, mas devido a inúmeros questionamentos que poderão e com toda certeza surgirão, esse é o ponto do livro em que entendo ser de vital importância advertir ao caro amigo leitor que se encontra enraizado a antigos conceitos estereotipados de doutrinas de existência, que a leitura deste livro poderá lhe parecer total perda de tempo e conseqüentemente o será, visto que sua difícil aceitação ao estudo do misterioso o impedirá de absorver e acompanhar uma incrível viagem ao desconhecido.

Ao contrário disto, parablenizo aos que permanecem na difícil senda de desvendar as diversas incógnitas que o existir nos oferece, ignorando constantemente as rotulações e depreciações alheias, tendo em vista apenas a quase impossível, mas digna missão, de trazer luz à verdade.

Sinceramente não sei se este livro lhe trará a satisfação plena, pois trata apenas de uma inusitada

aventura, a qual vem recheada com uma constante busca interior, vivenciada por pessoas pouco conhecidas de um recôndito canto do interior do país. As divagações científicas, históricas e até mesmo de caráter debilmente pessoal que antecedem, ou mesmo possam ocorrer durante a real aventura, servem apenas, como já disse inicialmente, para ambientar o leitor àquilo em que eu e meus companheiros mais íntimos acreditávamos e buscávamos a época dos acontecimentos.

Eu sei, tais quais os envolvidos nessa história, que o que sigo a relatar daqui por diante, em vários momentos, pude sentir na própria pele e cada vez que me lembro queria poder voltar no tempo e esclarecer muitas dúvidas que ainda pairam sobre minha cabeça. Talvez tenha sido melhor assim. Talvez não fosse a hora para que eu, meus companheiros e, pode-se dizer, até mesmo a humanidade, soubéssemos mais a respeito de nós mesmos.

No momento só me resta recordar.